

Os 23 de Recife

por Agnaldo de Souza Gabriel

A biografia da cientista Joanna Döbereiner (*tema de um dos selos brasileiros lançados em homenagem aos cientistas brasileiros, em 11 de dezembro de 2018*), nos traz a informação que ela veio da Tchecoslováquia para o Brasil, pouco tempo depois de sua família ter sido expulsa de seu país natal em 1945, em consequência das perseguições aos alemães no pós-guerra.

Apesar de triste, a imigração forçada não é um fato incomum: esta é também a história de tantos outros estrangeiros, que tiveram países como o Brasil como destino. Indivíduos e famílias, que de uma forma ou de outra, deixaram a sua terra natal sem nem olhar para trás e arriscaram tudo em uma terra distante.

Entretanto, é difícil de imaginar que possa ter acontecido o contrário, ou seja, que alguém tenha sido expulso do Brasil! Mas isto já aconteceu na história brasileira: trata-se de um dos fatos mais interessantes – e igualmente desconhecido, e cuja história é justamente o título do nosso artigo: os 23 de Recife.

Tudo começou no ano de 1492, na Espanha

Em 1492 os espanhóis expulsaram os judeus de seu território, por força da Inquisição, e muitos destes foram para Portugal. Em 1496, o Edito de Expulsão, promulgado pelo rei português D. Manuel I, obrigou os judeus de Portugal a se converterem. Eles foram batizados e receberam sobrenomes portugueses: eram os cristãos-novos. Entre eles estavam integrantes da esquadra de Cabral e o descobridor do famoso arquipélago brasileiro: Fernando de Noronha (**fig. 1**).



Fig. 1 - Emissão: 14/03/1975 - Série Fortes Coloniais: Forte Nossa Senhora dos Remédios, Fernando de Noronha - **Postal:** Sem Editora - **Obliteração comemorativa:** Fernando de Noronha - 14 a 21/03/1975 e **obliteração ordinária:** Território Federal de Fernando de Noronha - 14/03/1975.

Havia até um incentivo da Coroa portuguesa para que os judeus convertidos em cristãos-novos viessem para a Colônia. Para eles, era uma forma de fugir da Inquisição e para a Coroa portuguesa, uma forma de garantir a posse das terras, sobretudo no Nordeste brasileiro.

Entretanto, muitos dos judeus que não quiseram se converter ao cristianismo migraram para o território holandês. Lá, a liberdade de religião era garantida pela União de Utrecht, o tratado que unificou o território e que também determinava que “ninguém poderá ser investigado ou condenado por sua religião”.

Para aqueles que preferiram vir para o Brasil, a vida era relativamente tranquila, pois eles conseguiam praticar o judaísmo às escondidas. No entanto, com o advento da União Ibérica (1580-1640), a partir de 1590, o Santo Ofício enviou um inspetor ao Brasil e os cristãos-novos passaram a ser denunciados, presos, atormentados e torturados.

A invasão holandesa no Nordeste brasileiro

A vida dos judeus convertidos mudaria radicalmente no século seguinte. Com a ocupação da Bahia (1624-1625) e, principalmente, de Pernambuco (1630-1654) pela Companhia das Índias Ocidentais, vinculada ao governo holandês, os cristãos-novos puderam praticar sua religião original. Foi nesta época que, em 1636, foi fundada no Recife a primeira congregação judaica, denominada Zur Israel (“Rochedo de Israel”), e em 1640, a primeira sinagoga das Américas, a Kahar Zur Israel (fig. 2).



Fig. 2 - Emissão: 21/10/2001 - Primeira Sinagoga das Américas/Recife/PE - **Postal:** Ed. Dicol, nº 16 - **Obliteração ilustrada de 1º dia de circulação:** Recife/PE - 21/10/2001.

A invasão holandesa no Nordeste brasileiro foi um sucesso graças a uma “arma secreta”: justamente os judeus convertidos em cristãos-novos, descendentes dos primeiros colonizadores vindos de Portugal. Por serem fluentes em português e conhecedores da cultura da cana-de-açúcar, estes foram fundamentais para que os holandeses ficassem por 24 anos na região.

O governo holandês de João Maurício de Nassau trouxe prosperidade para a região. Foram realizadas reformas estruturais na cidade, como a ponte Maurício de Nassau (a maior do Brasil na época, com 180 metros), e o Palácio de Friburgo, sede do governo nassoviano em Recife. Hoje a capital de Pernambuco tem como um de seus destaques a rua Aurora (fig. 3), às margens do rio Capibaribe, com um conjunto arquitetônico de sobrados do século XIX.



Fig. 3 - Emissão: 04/08/2009 - Série Relações Diplomáticas Brasil - Holanda - Presença Holandesa no Brasil: Rua Aurora, Recife/PE - **Postal:** Ed. Correios, S/N - **Obliteração ilustrada de 1º dia de circulação:** Recife/PE - 04/08/2009.

No entanto, com a Restauração de Portugal (1640), os portugueses conseguiram retomar o território em 1654, expulsando os holandeses. E os judeus/cristãos-novos, receberam um ultimato: quem quisesse sair de lá teria o prazo de quatro meses. Depois disso, teria que lidar com a Inquisição.

Muitos retornaram para a Holanda, mas alguns fugiram para o interior, no sertão. Há relatos de artefatos judaicos encontrados no Quilombo dos Palmares (fig. 4), atual estado de Alagoas. Palmares era o maior quilombo do país, onde escravos foragidos lutavam para manter sua liberdade.



Fig. 4 - Emissão: 19/11/2012 - Parque Memorial Quilombo dos Palmares, União dos Palmares/AL - **Postal:** Ed. Particular, S/N - **Obliteração ilustrada de 1º dia de circulação:** União dos Palmares/AL - 19/11/2012.

O destino pós-expulsão

Alguns dos expulsos foram parar nas Antilhas Holandesas. Mas a maioria retornou mesmo para Amsterdã. O destino de um destes barcos, entretanto, foi diferente: pouco depois de zarparem de Recife, foram surpreendidos por piratas, seu navio afundou e boa parte morreu. Sua jornada, porém, estava apenas começando...

Uma embarcação francesa resgatou os sobreviventes. Em troca de dinheiro, o capitão os levaria até a ilha mais próxima: a Jamaica. Péssima notícia, já que a Jamaica estava tomada pela Inquisição. Lá os convertidos em cristãos-novos foram presos e somente os 23 judeus que não haviam sido batizados é que puderam partir - eram quatro casais, duas viúvas e 13 crianças. O crime de nunca ter sido cristão era considerado inferior ao de ter se convertido e depois ter traído a fé cristã. Mas em vez de Amsterdã, o único destino possível era o mesmo do destino do barco francês: uma vila chamada Nova Amsterdã, na costa da América do Norte.

Nova Amsterdã tinha apenas 750 habitantes em setembro de 1654 – pouco mais de um décimo da população de Recife, quando os 23 judeus pernambucanos chegaram lá. A chegada foi tumultuada e foi preciso a intervenção da Companhia das Índias Ocidentais para que os 23 pudessem desembarcar sem ficar devendo ao capitão do navio francês.

Depois de tantos percalços, os novatos finalmente conseguiram se assentar e prosperar. Eles fundaram uma comunidade judaica. E vieram mais e mais judeus, inclusive aqueles cristãos-novos que haviam sido presos na Jamaica. Em 1664, a vila Nova Amsterdã passou para o domínio inglês e trocou para o nome pela qual é conhecida até hoje: **Nova York**.

Os descendentes desses pioneiros se tornaram fundamentais para a história dos EUA. Um deles, Benjamin Mendes (1748-1817), fundou a Bolsa de Nova York. Outro, Gershon Mendes Seixas (1745-1826), é tido como um dos maiores líderes religiosos dos EUA era o chefe da congregação judaica em 1776, o ano da independência americana. Benjamin Cardoso (1870-1938) fez parte da Suprema Corte nos governos dos presidentes Hoover e Roosevelt.

Hoje há três cemitérios de Nova York dedicados aos judeus pioneiros e seus descendentes. Nas lápides, aparecem sobrenomes em português: Fonseca, Seixas, Gomes, Nunes, Cardozo, Castro e Bueno de Mesquita. Com dois milhões de judeus, a *Big Apple* é hoje a cidade mais judaica depois de Tel Aviv, o centro financeiro de Israel.

Mas a presença dos descendentes dos 23 de Recife está na cidade toda, mesmo nos locais menos esperados. Quando Nova York recebeu a Estátua da Liberdade ([fig. 5](#)) de presente do governo francês, a prefeitura não queria bancar a construção do pedestal. O comitê que tratava da instalação da estátua, então, foi pedir dinheiro para a população, com a promessa de publicar agradecimentos pelas doações nos jornais. Isto ajudou, mas não resolveu. Foi quando Emma Lazarus, poetisa renomada e descendente dos 23 de Recife, resolveu leiloar uma de suas obras.

O texto leiloado era *The New Colossus*, um poema inspirado na história dos antepassados da poetisa. Com isso, o comitê arrecadou dinheiro suficiente para finalizar as obras. E um trecho do texto se tornou praticamente o lema de Nova York e está gravado desde 1903 numa placa de bronze aos pés da estátua, dando boas-vindas a todos os imigrantes que porventura tentem a vida na cidade: *“Venham a mim os exaustos, os pobres, as massas que anseiam por liberdade”*.



Fig. 7 - Emissão: 04/07/1986 - 100 Anos da Estátua da Liberdade, Nova York/Estados Unidos - **Postal:** Editions P.J. (França), nº C8 75101-9-4162 - **Obliteração ilustrada de 1º dia de circulação:** Liberty Island-Nova York/Estados Unidos - 04/07/1986.

Referências:

- 1) **Carneiro, Paulo**, Caminhos Cruzados: a vitoriosa saga dos judeus do Recife - da Espanha à fundação de Nova York, Editora Autografia, São Paulo/SP, 2015;
- 2) **Chacra, Guga**, Cemitério de Nova York guarda história de judeus do Brasil, in jornal O Estado de São Paulo, 14/07/2012, disponível em:
<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral.cemiterio-de-ny-guarda-historia-de-judeus-do-brasil,900304>
- 3) **Correios**, Primeira Sinagoga das Américas/PE, Edital 31/2001;
- 4) **Correios**, Série Relações Diplomáticas: Holanda - Presença Holandesa no Brasil, Edital 16/2009;
- 5) **Correios**, Cientistas Brasileiros: Cesar Lattes e Joanna Döbereiner, Edital 18/2018;
- 6) **Federação Internacional de Filatelia (FIP)**, Diretrizes para Avaliação das Participações de Maximafilia em Exposições FIP, Jacarta/Indonésia, 2012, aprovado no Rio de Janeiro/RJ, 2013;
- 7) **Federação Internacional de Filatelia (FIP)**, Regulamento Especial para a Avaliação de Participações de Maximafilia, Jacarta/Indonésia, 2012, aprovado no Rio de Janeiro/RJ, 2013;
- 8) **Germano, Felipe**, Os 23 que viraram 2 milhões, in Revista Superinteressante, nº 386, pag. 56-61, São Paulo/SP, março/2018.
- 9) **Meyer, Peter**, Catálogo de Selos do Brasil, Editora RHM Ltda., 59ª edição - Volumes I e II, São Paulo/SP, 2016;
- 10) Máximos postais e peças do acervo do autor.